

Jazz
26 de setembro 2012

Craig Taborn

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Piano Craig Taborn

Qua 26 de setembro
21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h30 · M3

O anjo vingativo

O recente CD a solo de Craig Taborn na ECM, *Avenging Angel*, não pode ser interpretado ao vivo. Não há qualquer partitura a ler e sobre a qual improvisar nas derivações que o jazz desde sempre gosta de acrescentar ao que está escrito na pauta. *Avenging Angel* não é, também, um conceito a reproduzir, uma fórmula que possa conduzir a *performances* de alguma forma semelhantes. Nenhum *Avenging Angel* em concerto é igual a outro *Avenging Angel*: será mesmo essa, porventura, a “vingança do anjo”.

Para estranheza e confusão de muitos, incluindo aqueles que ouvem o pianista habitualmente e conhecem o seu envolvimento com a música escrita, a dos muitos com quem se associa enquanto *sideman* e a sua própria, *Avenging Angel* não é mais do que uma atitude (uma posição?) relativamente ao fator improvisação.

Explica-se Taborn: «O processo que utilizo é improvisação livre no verdadeiro significado da designação. A liberdade quanto às abordagens a tomar em tempo real permite aos músicos a escolha de uma diversidade de hipóteses. Uma delas é trabalhar com uma moldura estruturada e definida, ora utilizando diferentes *designs* para organizar o desenvolvimento da improvisação, ora permitindo que alguns elementos evoluam organicamente, sem se relacionarem com os referidos modelos.»

Para este projeto, Craig Taborn lançou a si mesmo o desafio («estético»,

sublinha) de «limitar os elementos estruturais, de modo a focar-se deliberadamente num número limitado de opções e verificar de que maneira tal influencia a criação musical». O procedimento nada tem de novo. Simplesmente, o teclista que nos habituámos a ouvir com Tim Berne e com Michael Formanek sistematizou-o. Alerta ele, aliás, que muitos outros improvisadores aplicam esta estratégia e que continua a tratar-se de livre-improvisação.

No seu entender, é o “fazer menos” que estrutura a música: «O resultado soa “organizado” devido à reduzida árvore de decisões. Ainda assim, esta maneira de improvisar não é nem mais nem menos estruturada do que as restantes. As estruturas estão é mais perceptíveis, dada a redução opcional dos materiais.» Estes vão desde construções texturais e abstratas a um paradoxal lirismo, algumas vezes em simultâneo.

Uma conciliação nada óbvia e nada fácil, mas Taborn não a valoriza especialmente... «As únicas grandes dificuldades que enfrento são as minhas próprias limitações técnicas e musico-cognitivas. Quanto do que ouço em mim posso projetar no espaço? Como melhor lidar com o instrumento? Muitas vezes as ideias que ouço não são pianísticas, mas existem na mais larga esfera do som. O que faço é tentar encontrar uma forma de passar essas ideias sonoras através do piano. Para conseguir esse objetivo tenho por vezes de esticar os limites da minha técnica, não só em termos de velocidade e força, mas também de toque e de variação

tonal, para o desenvolvimento de dinâmicas extensivas e ataques pronunciados. Tento usar tudo o que é possível para que o piano “sintetize” o mundo dos sons.»

Esta orientação para o som como fundamento e horizonte poderia distanciar Taborn do património histórico do piano, seja o do jazz como o mais lato que definiu a metalinguagem do instrumento, aquele que vem da música clássica e de conservatório. Assim não acontece, porém...

«Claro que os pianistas do passado estão sempre comigo. Se digo que não estou preocupado com a história do piano é porque o meu solo não deriva de uma exploração do passado. Não estou interessado em utilizar um determinado estilo histórico como fonte de ideias para uma peça. Isso conduz demasiadas vezes a resultados previsíveis. Mas confio no meu conhecimento da história para tomar decisões estéticas...»

Taborn prefere outras fontes de inspiração, em especial ideias abstratas, não necessariamente musicais, e questões técnicas específicas. «Não procuro, mas também não evito, soar como um determinado pianista ou estilo. O som chega por ser quem sou e por lidar com a música que toco. Nesse processo, é frequente surpreender-me com as referências que faço a um certo tipo de composição ou a uma determinada era da música. O que é instrutivo e excitante, mas não é de todo intencional. Acho mesmo que não conseguiria lá chegar se houvesse premeditação. De repente tomo consciência de que estou a soar como Schoenberg, como Monk ou

como Chopin, mas sem que tenha esse propósito.»

No universo de influências taborniano cabe uma enormidade de nomes e, apesar de a maior parte deles nada ter que ver com o piano, natural é que surjam nas improvisações do pianista: Fletcher Henderson, Igor Stravinsky, a Duke Ellington Orchestra («mais a sua orquestração do que o estilo pianístico», comenta), Stockhausen, Ligeti, Sun Ra, Miles Davis, Art Ensemble of Chicago, Ornette Coleman, as bandas metaleiras Voivod e Melvins, Bill Frisell e... a lista continuaria se houvesse espaço e não se tornasse monótona.

Há outro aspeto que explica a valorização prioritária do som por parte de Craig Taborn: o facto de o piano, «com as suas limitações, oferecer bastante a quem queira utilizá-lo sonicamente». Esta “utilização sónica do piano” não é pleonástica, pois entrar no subtil mundo sónico da invenção de Cristofori «só é possível em alguns contextos, como o solo ou um ensemble muitíssimo sensível».

E porquê? «Bom, uma boa parte da vida do instrumento em termos de cor e de possibilidade sonora está no *mezzo* piano e nos limites dinâmicos mais suaves. Assim, só os pequenos auditórios permitem que tal seja explorado da melhor forma. Sem amplificação (a não ser que existissem excelentes microfones e altifalantes), pois um PA deturpa a riqueza dos detalhes.»

Na perspetiva de Taborn ainda há muito a descobrir no piano, e inclusive os sons “não-pianísticos”. Não é necessário recorrer a preparações e

técnicas extensivas que alterem o *set-up* básico: «A paleta de sons pode alargar-se substancialmente, mas também é um facto que umas e outras delimitam as aproximações musicais que podemos ter», considera. Acontece que o nosso visitante também toca teclados elétricos (piano Fender Rhodes, órgãos Hammond B-3 e Wurlitzer) e eletrónicos (sintetizadores analógicos, *samplers*), o que lhe dá uma perspetiva do piano algo distinta das de outros pianistas...

«Bem, não posso considerar os sintetizadores como instrumentos de tecla no sentido propriamente dito. Trata-se de um instrumento eletrónico que tem como mais popular e conveniente interface o teclado pianístico, apenas isso. É diferente do piano e até do órgão. A ação é iniciada no teclado, mas acessa a um mais elaborado mecanismo para criar som, mecanismo esse que está desenhado na própria máquina. O que quer dizer que a minha abordagem da música eletrónica é muito diferente da que tenho com o piano. É este que guardo no coração.»

Craig Taborn não podia fazer maiores elogios à sua principal ferramenta de trabalho: «É a mais elegante das máquinas e foi aperfeiçoada ao longo dos anos para ser super-reativa e musical. Os teclados elétricos têm sons interessantes e úteis, sem dúvida, mas oferecem menos. É preciso manipulá-los de “fora”, recorrendo a efeitos, para obtermos uma maior variedade de resultados. De qualquer modo, parece-me que estas são falsas equivalências. Trata-se de instrumentos com funcionalidades dis-

tintas. Não se substituem. Eu que o diga, pois o piano e um MiniMoog entraram na minha vida, quando jovem, e em minha casa no mesmo dia. Cresci com ambos e por isso mesmo aprendi a vê-los como mundos diferenciados. Não sou um pianista que mais tarde descobriu a eletrónica nem um músico eletrónico que decidiu tentar um instrumento convencional. Sempre fiz as duas coisas.»

De resto, Taborn vem jogando em vários tabuleiros. Se é na área do jazz criativo que mais tem desenvolvido a sua carreira, tem igualmente feito incursões pelo jazz de fusão (o seu álbum *Junk Magic* tornou-se mesmo num marco desta tendência) e até pelo *techno* e pelo *hip-hop* mais experimentais. São também sobejamente conhecidos o seu entusiasmo relativamente ao *punk* e ao metal e o seu profundo conhecimento da música erudita contemporânea.

«Todas as músicas que aprecio oferecem-me ideias sobre como desenvolver informação musical e, mais importante ainda, sobre que tipo de energia devo aplicar. Por exemplo, no metal pode ir-se muito mais alto na intencionalidade energética, que não apenas no volume. É uma questão de força impulsiva, de ataque, mais do que de rodar o botão para cima. Um pianista de concerto pode tocar com um grande poder, mas este vem de outro sítio e o efeito é diferente. Quando quero ser assertivo, das duas uma: ou toco um acorde poderoso que se pareça com Horowitz ou faço-o como se esse acorde fosse tocado por Matt Pike, da banda de *doom* metal Sleep. Este tocaria o acorde com uma energia completamente dife-

rente e é esta que posso querer projetar, não a do pianismo clássico ou a de um McCoy Tyner. Há várias qualidades de poder e todas podem ser utilizadas.»

A questão da energia não interessa a Taborn apenas por gostar de rock – até a música eletrônica de dança lhe deu algumas lições a propósito: «É a intenção, enquanto energia, que está por detrás da música. Essa intencionalidade pode tomar uma determinada forma devido à tecnologia utilizada ou, pelo contrário, pode ser metafísica – nada se confunde com as *drum machines* programadas pelo duo Drexciya. Procuo estar atento a fatores como estes.»

Falar de energia num contexto solitário como o de *Avenging Angel* faz todo o sentido. Também é por isso que Taborn define um espaço de operacionalidade, bem como um emolduramento identificatório, ao seu solo pianístico. «Daí o “mandato estrutural” muito solto que escolhi. Apesar de não haver objetivos composicionais específicos nem outros músicos que me ajudem a moldar as improvisações, tenho um mapa de ação. Num solo, para evitar que haja um monólogo é preciso conversarmos conosco mesmos. Tento dizer algo a que possa responder, algo que possa contestar ou com que possa concordar, consoante os casos.»

Este nova-iorquino que vai sendo considerado como o mais importante pianista da nova geração vem defendendo que o sentido só pode surgir da multiplicidade de elementos, isto é, da complexidade:

«Para gerar interesse musical e manter as coisas a mexerem criativa-

mente tenho de contrapor diversos *inputs*. Mesmo sendo só uma pessoa, trabalho com mais do que uma estratégia – por exemplo, utilizo uma ideia algo rigorosa a nível estrutural, como uma série de regras intervalares, contraponho-lhe a ideia contrária, de desobediência a todos os normativos, e acrescento uma terceira célula, um *riff* estático de metal que, apesar dessa imobilidade, canalize um certo poder. Temos aqui três coordenadas: uma organizada, outra livre e a última suspensiva e brutalista, cada uma interagindo individualmente e aos pares com as demais. Ficam nove maneiras de olhar para as três componentes, somando-se ao que ainda há a considerar, como as notas, os ritmos, as dinâmicas, os timbres.»

O mais incrível é que esta complexidade nos soa como se fosse simples e fácil. Há várias camadas de som, em muitas circunstâncias agindo conflituosamente, mas tudo parece transparente, tudo flutua, “mexendo” com os nossos conceitos instalados de beleza. Craig Taborn tem, decididamente, um futuro brilhante à sua espera.

Rui Eduardo Paes
Crítico de música, ensaísta

Craig Taborn

Compositor, pianista, organista, tocando ainda o teclado eletrônico, Craig Taborn nasceu e cresceu em Golden Valley, Minnesota. Enquanto estudou na Universidade de Michigan, em Ann Arbor, Craig teve a sorte de tocar na ilustre comunidade jazzística de Detroit, atuando e estudando com grandes artistas como Marcus Belgrave, Harold Mckinney, Francisco Mora, Rodney Whitaker e Kenny Cox.

Ao longo da sua carreira tocou e gravou com Roscoe Mitchell, Wadada Leo Smith, Tim Berne, Steve Coleman, Lester Bowie, Evan Parker, Bill Laswell, David Torn, Mat Maneri, James Carter, Marty Ehrlich, Chris Potter, Leroy Jenkins, Joe Maneri, Susie Ibarra, Carl Craig, Bill Frisell, Drew Gress, David Binney, Dave Douglas, Lotte Anker, Gerald Cleaver, Adam Rogers, Hugh Ragin, Meat Beat Manifesto, Rudresh Manhattappa, Graham Haynes e Rob Brown, entre outros.

Foi eleito como Melhor Talento do Novo Jazz em 2004 pela reputada revista italiana *Musica Jazz* e votado como n.º 1 na categoria “Rising Star Keyboardist” pelo painel de críticos reunidos pela Revista *Downbeat* em 2008 e 2009 e novamente n.º1, agora em três categorias, “Rising Star Pianist”, “Rising Star Electronic Keyboardist” e “Rising Star Organist” em 2011.

Taborn lidera atualmente um trio, o quinteto Junk Magic, o agrupamento Ancients and Moderns e é membro da banda de *noise/punk* The Gang Font,

apresentando-se frequentemente a solo tocando piano ou teclado eletrônico.

Apesar de tocar a solo em concertos desde há cerca de 10 anos, só em 2011 gravou o seu primeiro disco em piano solo, para a ECM, muito elogiado por toda a crítica, na Europa e nos Estados Unidos. Craig vive em Brooklyn.



Culturgest, Espaço CarbonoZero®

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de ações, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto de medidas adicionais, estando prevista

uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas ações não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projeto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos Voluntary Carbon Standard (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em:
[www.cgd.pt/Institucional/
Caixa-Carbono-Zero](http://www.cgd.pt/Institucional/ Caixa-Carbono-Zero)



Alma Lírica Brasileira

Mônica Salmaso

Música Qui 27 setembro

Grande Auditório · 21h30

Duração aproximada: 1h30 · M3



Voz Mônica Salmaso Saxofone e flautas Teco Cardoso Piano Nelson Ayres
Produção Carla Assis

Mônica Salmaso esteve na Culturgest em outubro de 2001. Na altura com 28 anos, tinha gravado três CDs e recebido, entre outros, o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte.

Vem agora depois de onze anos, quatro álbuns, extensas digressões e a confirmação de ser uma enorme artista, com o seu mais recente projeto, gravado em disco em 2011.

Como ela conta, acabada uma grande viagem pelo Brasil com um espetáculo em que só interpretava canções de Chico Buarque e era acompanhada pelo grupo Pau Brasil, “apareceu um convite para um show com formação reduzida. Eu e o Teco [seu marido, membro do Pau Brasil] pensamos em convidar o Nelson [também membro da mesma banda] e fazer este trio. Logo no primeiro ensaio, ao invés de adaptarmos os arranjos do repertório que estávamos fazendo por

dois anos, novas músicas começaram a aparecer, resultado deste encontro”. As canções foram surgindo como numa descontraída e quente conversa de amigos sem um plano ou uma orientação pré-estabelecida. Mônica continua: “Ao final de um ano com este trio fazendo shows esporádicos, eu percebi que este trabalho resumia a expressão ‘Alma Lírica Brasileira’ que eu sempre escutei sobre o meu trabalho desde que comecei. Percebi que este show era o que eu queria dizer”.

De entre as canções que vamos poder ouvir, estão temas de Villa-Lobos, Tom Jobim e Vinícius, Chico e Edu, Wisnik, Violeta Parra e muitos outros. Nem falta o *Trem das Onze* de Adoniran Barbosa (lembra-se? “Não posso ficar/Nem mais um minuto com você/sinto muito amor/Mas não pode ser)

As canções são todas lindas. E a interpretação delicada e excepcional. Vale mesmo a pena encontrar, ou reencontrar, Mônica Salmaso. E fixar esse nome para sempre.

Conselho de Administração

Presidente

Fernando Faria de Oliveira

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Luísa Fonseca estagiária

M^ª Rita Martins estagiária

Marta Ochôa estagiária

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Leonor Guerra estagiária

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Rui Osório de Castro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
